

A ÚLTIMA PORTA

(Natan Bélier)

- ...para onde irei? – perguntei, enquanto saía da escuridão e voltava a ficar à minha própria lápide de mármore, recém colocada no meio deste gigantesco santuário dos mortos.

Silêncio, apenas. Engraçado, mais uma vez aguardei atentamente, durante demasiado tempo, uma resposta. Aliás, há muito tempo, a única coisa que houvera feito desta vida minha – se é que ainda possuía vida – fora esperar. Os dias – ou, não sei, meses, séculos? – intermináveis passavam e eu resignava-me em ficar aqui prostrado, secando, esperando.

- Esperando o quê? – indaguei, ao lembrar os horrores que ocorreram ao meu redor.

Não poderia ser o fim, pois o fim acontecera há muito tempo atrás. Seria o começo? Não! Não possuía mais esperança alguma. Estava ansioso por respostas, mas tudo era em vão: nunca haveria resposta alguma. Portas não mais se abriam. Túmulos não se erguiam. Lápides não se moviam. Cruzes não salvavam. Dias não voltavam. Mortos não se levantavam. Se nada se alterava, só me restava continuar aguardando o meu próprio fim.

Levantei-me de novo e notei que lá no alto estava o plácido sol escarlate que, ironicamente, continuava brilhando, nascendo e se pondo – ele não morria igual a mim - como se nada houvesse acontecido. À noite, a pálida lua macilenta às vezes aparecia como um grande sorriso de escárnio; ora refletia completamente os raios do sol – tentava ressuscitar os mortos, talvez? – e outrora, ainda, escondia-se, mortificada de medo ao encarar a lúgubre realidade. O nebuloso céu, mesmo ligando-se a terra no horizonte, parecia alheio a todas as dores mundanas. Nele as nuvens sempre se amontoavam, formavam enormes e monstruosas naus, onde poderosos raios, trovões e relâmpagos pareciam criar assustadores motins.

- Nem eles estão a salvo em sua arca? – questionei, recordando que uma arca já salvara a humanidade uma vez, quando a água ainda era abundante. Entretanto, nem mesmo a apoteose das arcas poderia nos ter ajudado.

Se nos ares ainda existia uma batalha a ser vencida, comparando-os ao solo fiquei absolutamente atônito ao chegar à conclusão de que aqui todas as guerras foram perdidas. Possivelmente as minhas córneas, esbranquiçadas pela catarata, eram as últimas a vislumbrar as ruínas da Terra – com esse nome mais do que conveniente, visto que terra fora a única coisa que sobrara – que se tornara seca, estéril, infértil e inabitável. Se até onde minhas vistas alcançavam as únicas coisas que conseguia distinguir eram túmulos entreabertos, mausoléus em ruínas, caixões profanados, cruzeiros pagãos, lápides inteligíveis e até mesmo restos de cadáveres expostos, inteiramente roídos pelos vermes; o que não haveria além?

O pior de tudo é que eu tinha uma boa noção do que existia além deste cemitério.

Peguei a minha velha pá e continuei a cavar naquele duro solo arenoso, enquanto me lembrava dos relatos apavorados confiados a mim por diversas almas atormentadas, em seus últimos momentos de agonia. Disseram-me que o mundo todo se tornara um ciclópico deserto rubro. Segundo aquelas palavras opressoras, onde antigamente existiam majestosas florestas tropicais, cheias de vida e alegria, agora só sobraram restos de troncos de árvores, como ossos de enormes dinossauros, apodrecendo ao sol. As maiores metrópoles do mundo tornaram-se cidades fantasmas, com visíveis marcas de mortes aterradoras presentes em cada esquina. Até mesmo os vastos oceanos, que cobriam a maior parte do nosso belo planeta, secaram, deixando gigantescos cânions, expostos, como as purulentas crateras de Marte.

- O homem foi o lobo do homem e abriu a caixa de Pandora do mundo – afirmei, com toda a convicção de uma pessoa que sentiu, presenciou e vivenciou coisas demais.

Retirei mais um pouco de areia do local que era a minha cova e concluí que, com a minha morte, a Terra finalmente chegaria ao seu fim. Eu carregava em meu corpo as marcas de como o processo até a chegada desse fim fora lento e doloroso. Tão lento que a minha carne ressecada guardava uma chaga para cada cadáver que apodreceu ao meu redor. E tão doloroso que, muito antes do momento derradeiro, todas as lágrimas já haviam secado.

Abri um pouco mais o buraco e novamente tentei recordar quando fora a última vez que eu chorara. Percebi que ainda não lembrava. Sequer me lembrava do número de pessoas que enterrei neste cemitério, à minha volta – e foram incontáveis! Pelo visto, as minhas memórias tornaram-se um tremendo quebra-cabeça, com a maioria de suas peças faltando.

- Não faz diferença alguma! Hoje, finalmente executarei meu último enterro – falei, demonstrando uma alegria que não sentira há muito tempo. Uma alegria tão radiante que não combinava nem com o lugar que estava, nem com as palavras por mim pronunciadas.

O buraco alcançou aquele tamanho padrão de sepultura – quase um precipício – que eu já estava tão acostumado a fazer. Joguei a pá para longe e fiz uma força tremenda para empurrar o caixão negro ao interior do abismo. Entrei dentro da minha urna funerária, limpei o suor do meu rosto e dei mais uma última olhada àquele céu apocalíptico e àquela lápide.

Despedi-me, deitei novamente e estiquei meu braço para puxar a tampa da tumba.

Passei toda a minha vida abrindo e fechando portas. Abrira as portas da minha infância, quando começara a compreender o que acontecia no mundo ao meu redor. E abrira as portas da minha adolescência, quando lutara para tentar buscar uma solução. E abrira as portas para a minha fase adulta, quando simplesmente me conformara e desistira de lutar.

Escuridão. Acabei de fechar a minha última porta.

- Mas, se eu morrer...?